

Algumas estratégias lingüísticas utilizadas em O Pasquim para driblar a censura¹

Isaura Maria Longo²

Cleide Ane Comper Pereira³

Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI/SC

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar algumas marcas lingüísticas utilizadas no jornal O Pasquim para driblar a censura instaurada, em 1968, pelo Ato Institucional número 5 (AI-5). Em 1969 nasce O Pasquim. Caracterizando-se principalmente como um jornal de opinião, satiriza o opressivo dia-a-dia nacional e pauta-se por um noticiário de oposição. A amostra desta pesquisa é composta de 41 matérias, apresentadas no jornal *O Pasquim*, da cidade do Rio de Janeiro / RJ, veiculadas no período de 1969 a 1972. E para fazer a análise destas matérias fomos buscar a linha francesa da Análise de Discurso. Utilizando uma linguagem coloquial, marcadamente subjetiva e ideológica, este jornal transformou o estilo e o conteúdo até então utilizados no meio jornalístico. Observou-se que marcas como a pressuposição, o subentendido, a polifonia, a ironia, a intertextualidade foram recursos largamente utilizados para divulgar a sua ideologia.

Palavras-chave: Jornalismo; O Pasquim; Linguagens jornalísticas; Análise do discurso

1. Introdução⁴

No dia 26 de junho de 1969, chegava às bancas do Rio de Janeiro o primeiro número do jornal *O Pasquim*. A frase que constava do cabeçalho equivalia a uma declaração de princípios: “Aos amigos tudo; aos inimigos a Justiça”.

Seis meses antes, na noite de 13 de dezembro de 1968, fora decretado o Ato Institucional número 5. Com ele vieram as perseguições, torturas, assassinatos, diminuição dos direitos civis e a censura aos meios de comunicação. A parte da imprensa que não concordava com o regime militar atravessava um período de repressão e cortes nas edições.

Neste ambiente, setores progressistas da classe média aspiravam por uma publicação que não deixasse a democracia ser esquecida. *O Pasquim* surgia com esta missão, reunindo jornalistas, cartunistas e chargistas da época para satirizar o opressivo dia-a-dia nacional.

¹ Trabalho apresentado ao TLP – Seminário de Temas Livres em Comunicação

² Mestre em Lingüística (UFSC), Licenciatura em Português-Inglês (UCS), Professora nos Cursos de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Relações Públicas, pesquisadora no Grupo de Pesquisa Redes de Comunicação (UNIVALI). Endereço eletrônico: isaura@univali.br

³ Jornalista formada pela UNIVALI.

⁴ Este artigo é resultado de um trabalho de conclusão de curso realizado em 2000, cujo título é “As estratégias lingüísticas utilizadas em O Pasquim para “driblar” a censura”. Por várias razões ele ficou estacionado numa das prateleiras de uma Hemeroteca. Ao tomar conhecimento da temática contemplada para este VI Intercom, Estado e Comunicação, não pudemos deixar de perceber a importância desta pesquisa nesse contexto.

Abordando temas sócio-políticos, através do humor, pautando-se por um noticiário de oposição, alcançou uma tiragem de 200 mil exemplares.

O Pasquim caracterizou-se, principalmente, como um jornal de opinião. Seu interesse maior residia em *apresentar o pensamento sobre o que se passava, diferentemente de um jornalismo voltado a informação propriamente dita, ou seja, apenas sobre o que se passa* (cf. Melo, 1994:63). Utilizando uma linguagem coloquial, transformou o estilo e o conteúdo até então utilizados no meio jornalístico.

Mesmo com toda a repressão e perseguição aos jornalistas, O Pasquim cresceu e estabeleceu uma linha exclusiva de comunicação com seus leitores, desafiando os censores instalados na redação. Este fato, entre outros, instigou a realizar esta pesquisa com o intuito de descobrir quais os recursos lingüísticos utilizados pelos escritores, na construção de seus textos, para “driblar” a censura e assim atingir o seu propósito “dizendo sem dizer”.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e a coleta de dados constituiu-se no levantamento documental de 41 matérias apresentadas no jornal *O Pasquim*, da cidade do Rio de Janeiro / RJ, veiculadas no período de 1969 a 1972. A linha francesa da Análise de Discurso, tomando como referência DUCROT (1987), PÊCHEUX (1997), MAINGUENEAU (1989), KOCH (1987), ORLANDI (1983) serviu como ferramenta para estudar os discursos construídos nas matérias. Para definir e caracterizar o discurso jornalístico utilizado pelo jornal, buscou-se os apontamentos feitos principalmente por LAGE (1990), MELO (1994) e ERBOLATO (1980).

2. Cenário histórico e sua influência na imprensa

O período da ditadura militar (1964-1985) foi um dos mais marcantes para a imprensa brasileira. O país vivia sob o militarismo e todos os segmentos da sociedade eram controlados e vigiados pelo Estado. A imprensa passou a estar submetida, através do AI-5, a um rigoroso controle das informações veiculadas, tendo muitos de seus jornalistas presos ou impedidos de exercer suas funções. O rigor da censura das informações motivou o surgimento de novas alternativas, seja pela forma quanto pelo conteúdo, nos diversos meios de comunicação.

Na luta pela abertura política, surge a *imprensa alternativa* – a “nanica” - que, apesar de pequena, demonstrou muita força. Permitiu que jornalistas críticos encontrassem nela espaço para propor novas idéias e criticar o sistema vigente que extinguiu qualquer forma de manifestação contrária ao regime militar (cf. Capelato, 1988:31).

A *imprensa alternativa* denunciava, criticava, colocava em xeque a atitude da grande imprensa, conivente com a ditadura. A sociedade já não sabia mais distinguir entre

desinformação e censura, como pouco ou nada percebia sobre a auto censura, praticada pelos setores jornalísticos que obedeciam às imposições do militarismo. Ao ser processada e distribuída, a informação contemplava apenas a versão que o Estado desejava que fosse veiculada, deixando outras à deriva (cf. Bahia, 1990:347).

O fato de não ter se calado frente às imposições do regime militar fez com que a imprensa alternativa provocasse mudanças significativas no setor informativo, através de seu formato tablóide e papel de custo inferior. Influenciou a opinião pública, já que era vendido a um preço abaixo dos demais, o que possibilitava o acesso às camadas menos favorecidas e militantes, provocando discussões.

Em todo esse contexto surge O Pasquim, jornal alternativo que mais sofreu perseguições aos seus jornalistas e colaboradores.

3. O Pasquim: algumas considerações

Os alvos deste jornal eram a ditadura, a classe média, os jornais que apoiavam o regime militar e os censores. Discutia modos de vida e de comportamento. Os elementos lingüísticos utilizados para se referir à repressão, não tardaram a ser percebidos pelos leitores. A diagramação valorizava as ilustrações (desenhos, caricaturas e montagens fotográficas).

Nomes como Sérgio Cabral, Tarso de Castro, Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo Alves Pinto, Sérgio Augusto, Fortuna, Claudius Ceccon, Miguel Paiva, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel, Martha Alencar, Ivan Lessa e Henfil, entre outros colaboradores compunham a lista de jornalistas, cartunistas e chargistas da época que utilizaram-se das páginas deste semanário para satirizar o opressivo dia-a-dia nacional. *O jornal modificou a linguagem jornalística, nele escrevia-se como falava-se. Havia uma crítica política, no momento em que a imprensa estava toda calada, uma crítica de costumes* (Moraes, 1996:24).

O Pasquim abordava assuntos nacionais e internacionais através de artigos, crônicas, comentários e colunas. Entre os assuntos sobre o Brasil destacavam-se: teatro, música, cinema, televisão, futebol, desemprego, constituição, críticas aos grandes jornais e emissoras de TV, ecologia, etc. As notícias estrangeiras também giravam em torno de cultura, situação político-econômica de outros países, racismo na África, terrorismo, além de críticas a Nixon, então presidente dos Estados Unidos, ao lançamento da Apollo 11 e à conquista da Lua.

Além dos textos de seus redatores, O Pasquim recebia colaborações de personalidades como a atriz Odete Lara, os cantores Chico Buarque de Holanda (do exílio, em Roma), e Caetano Veloso (do exílio, em Portugal e depois em Paris), dos humoristas Chico Anysio e Jô

Soares, do poeta Vinícius de Moraes, do cineasta Glauber Rocha, do escritor Rubens Fonseca, entre outros.

Em toda edição constava uma frase na capa, apresentando a ideologia do jornal. Não trazia editorial, a linha de pensamento estava presente nas entrelinhas dos textos.

3.1. Um jornal opinativo e ideológico

O Pasquim caracterizava-se por um jornalismo muito mais opinativo do que informativo. O gênero *alternativo*, na sua maior parte, utilizava determinados recursos para demonstrar apreciações e opiniões sobre os acontecimentos diários. A personalidade, a opinião de quem escrevia os textos de O Pasquim estavam presentes de uma forma bem marcante. Vejamos exemplos retirados do texto de Millôr Fernandes quando escreve acerca do jornal ser independente:

(1) *Meu caro Jaguar, você me garante que o **Pasquim** vai ser independente. Tá bem, Jaguar. O Claudius, O Tarso, O Prospero e o Sérgio Cabral também acreditam nisso? Tá bem. (p.9/nº1/69)*

(2) *Não estou desanimando vocês não, mas uma coisa eu digo: se essa revista for mesmo independente não dura três meses. Se durar três meses não é independente. Longa vida a essa revista! P.S. Não se esqueça daquilo que eu te disse: nós, os humoristas temos bastante importância pra ser presos e nenhuma pra ser soltos. (p.9/nº1/69)*

O trecho a seguir foi retirado de um artigo de Paulo Francis que escreve sobre a liberdade de imprensa.

(3) *A pobreza e a fome não são cumulativas, e você não deve permitir que seu espírito seja esmagado pensando o contrário. Não deixe a sua mente perder a capacidade de funcionar por um excesso de simpatia. (p.9/nº88/71)*

Nos exemplos acima podemos perceber o uso da primeira pessoa em palavras tais como: *estou, eu digo*. Expressões imperativas como: *você não deve permitir, não deixe a sua mente, não se esqueça daquilo que eu te disse*, denotam que o escritor queria disseminar suas impressões a respeito de um fato e, conseqüentemente, fazer com que o leitor também pensasse da mesma forma que ele.

Enquanto para Lage (1990:42) a impessoalidade constitui-se uma marca do discurso jornalístico, não podendo haver intenção por parte do emissor de expressar o mundo interior ou se dirigir a um público definido, o que se pode observar nos textos de O Pasquim, são as

marcas da personalidade de quem os escreve. Opiniões expressas são acrescentadas aos fatos e dirigidas a um público específico, ou seja, quem escreve fala sobre o que pensa a respeito de um fato e se dirige a um determinado público que lê e acompanha este tipo de publicação, e, conseqüentemente, concorda com as idéias do escritor. Tais afirmações podem ser comprovadas a partir dos seguintes exemplos encontrados no texto de Millôr Fernandes sobre a censura.

(4) *Contra as borrachas Pingüim nós oporemos nossas **Multiplic** automáticas. (p.3/nº94/71)*

(5) *À prancheta, **camaradas**. Nada tendes a perder senão os vossos pincéis. Máquinas Olivetti do mundo, uni-vos! Nada tendes a perder senão os vossos teclados. (p.3/nº94/71)*

(6) *Vocês devem se lembrar daqueles dias em que a tristeza e a carga dos nossos problemas estavam estampadas no rosto de cada brasileiro. (p.35/nº36/70)*

Lage (1990:40) afirma que na construção do texto jornalístico o uso de adjetivos testemunhais e as aferições subjetivas devem ser evitados. Eles emitem avaliações e, conseqüentemente, opiniões, mesmo que mínima. Observa-se, nas matérias de O Pasquim um grande e corrente uso de adjetivos, mostrando o alto grau de personalidade, intencionalidade e avaliação por parte do emissor. Pode-se perceber o uso de adjetivos no seguinte extrato do texto de Millôr, ao se referir aos atentados sofridos na redação do jornal:

(7) ***Pernóstico, inconocástico, blaterante, gentil e grosso, sensual, incapaz, agnóstico, restrito e abrangente, escrito em linguagem extremamente popular, provinciano por escolha, ecumênico por destino...** (p.9/nº40/70)*

Já o texto abaixo ilustra a fala de Gilberto Gil, de Londres, recusando o prêmio do Museu da Cultura Brasileira.

(8) *O que meu pai precisa saber é que o museu sempre esteve contra o meu gorjeio, que sempre achou **desnaturado, desarmonioso, inautêntico e incômodo**. (p.6/nº39/70)*

O mesmo autor aconselha ainda a eliminação, na medida do possível, e com exceção de citações, dos advérbios de modo, intensidade e afirmação. Palavras estas que expressam juízo de valor ou modulam predicções e sentenças, situando-as em mundos possíveis ou desejáveis. Eles prejudicam o que já está predicado e dificultam a análise por se tratarem de elementos acessórios. A linguagem jornalística busca distanciar-se do “possivelmente”, “desejavelmente”, “preferivelmente”, reportando-se ao mundo real (cf. Lage, 1990:41). Nos

textos de O Pasquim, é comum a utilização de advérbios de modo, intensidade e afirmação. Abaixo, extrato de texto de Milton Nascimento, referindo-se à prisão de seus amigos.

(9) *Reconhecemos que é um verdadeiro golpe baixo usar tal recurso na atual conjuntura mas, que fazer, se nos sentimos **inteiramente** impotentes (**felizmente** só do ponto de vista social) diante das leis, instituições, vigências, postulados e decretos completamente estranhos? (p.21/nº78/70-71)*

Tarso de Castro também fazia uso desse recurso para marcar a subjetividade do discurso.

(10) *Em primeiro lugar, **naturalmente**, qualquer pessoa deve subordinar seu texto à Censura. (p.8/nº42/70)*

Lage (1990:36-38) admite a existência de dois registros de linguagem: o formal, próprio da modalidade escrita, e o coloquial, que compreende as expressões de uso corrente na modalidade falada, na conversa familiar, entre amigos. O autor afirma que deve ser dada preferência ao registro coloquial visando a eficiência da comunicação e por ser a modalidade mais acessível ao público em geral.

O Pasquim, preconizava uma linguagem coloquial, aproximando-se da conversa informal, entre amigos, como podemos perceber no exemplo que segue retirado do texto de Tarso de Castro ao falar sobre a censura:

(11) *Você estréia o espetáculo. Tremenda barra pesada: todo mundo aparece para aplaudir a peça e você já está convencido de que o sucesso está assegurado, quando de repente, avisam que a partir do segundo dia a peça não pode ser apresentada porque a sobrinha de uma empregada da tia do auxiliar de gabinete do ministro não gostou daquela determinada fala. (p.8/nº42/70)*

Para garantir seu tom coloquial, este jornal trazia suas entrevistas com escritores, artistas, cantores, transcritas literalmente. Além disso, gírias, jargões, abreviações, falta de pontuação (vírgula), marcavam a descontração da linguagem.

Como já foi mencionado, O Pasquim era um jornal opinativo e combativo, por isso, defendia compromissos ideológicos ao criticar a ditadura e a realidade político-socioeconômico e cultural do Brasil. O uso de palavras e expressões como: *autoridades policiais, líderes radicais, grupos dominantes, patrióticos cavalheiros, antimarxista, terrorismo, revolta, destruição do sistema* presentes nos textos demonstra os fatores

ideológicos que influenciavam seus jornalistas e escritores na construção de seus textos. A seguir, alguns trechos de onde foram retiradas as palavras, acima

(12) *D. Noemi, em verdade, falou da adolescência da **classe média** para cima, que é a única a interessar aos **grupos dominantes**, a preocupá-los intensamente. Boa parte dessa meninada está tendo um comportamento muito **antimarxista**. Em vez de viverem seus privilégios herdados, optaram pela **revolta**, pelo **terrorismo**, querem a **destruição do sistema** do qual deveriam ser os teúdos e manteúdos. (p.20/nº60/70)*

Este trecho está impregnado de compromissos ideológicos do jornal. Quando o autor fala que D. Noemi (psiquiatra), numa conferência, falou apenas dos jovens da classe média, critica-a por não falar da crise na adolescência de um modo geral, englobando todos os jovens, inclusive os das classes mais baixas.

Quando fala em *grupos dominantes*, o autor faz uma crítica aos grupos que regem o país e, conseqüentemente, fazem as leis. As palavras *antimarxista*, *revolta*, *terrorismo* e *destruição do sistema* revelam uma ironia do autor. A psiquiatra entendia que os jovens estavam se comportando de maneira inconcebível, transformando-se em hippies. Já o autor, defendendo a ideologia combativa do jornal, coloca as palavras acima: *revolta*, *terrorismo*, *destruição do sistema* como seus elementos de defesa.

(13) *Sem muitas discussões – ou melhor, com absoluta unanimidade – os **patrióticos cavalheiros** participantes da Conferência (mais que patriótica; **humanistas globais**) fizeram um relatório comunicando ao presidente Nixon a terrível situação que adviria do Cease fire!. (p.4/nº64/70)*

As expressões *patrióticos cavalheiros* e *humanistas globais* são utilizadas para representar os grupos dominantes a serviço dos interesses governamentais.

3. 2. Algumas estratégias discursivas utilizadas em O Pasquim

O Pasquim nasceu num contexto de censura e limitações, fatores que influenciaram na construção de seu discurso, na sua forma de expressão. Nunca a relação entre texto e contexto esteve tão próxima. Para escapar à censura, seus escritores viram-se obrigados a buscar formas alternativas para construir seus textos, daí o uso de certos recursos como a pressuposição, o subentendido, a polifonia.

Na Análise do Discurso, tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: *conflitos*, *reconhecimentos*, *relações de poder*. A linguagem assim, não é vista

apenas como suporte de pensamento, nem só como instrumento de comunicação. Os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social-ideológico, ou seja, as condições de produção, são o sentido da seqüência verbal produzida, e não meros complementos. Todo falante e ouvinte ocupam lugar na sociedade e isso faz parte da significação (cf. Orlandi, 1999:35).

Segundo Michel Pêcheux (1972:102 *apud* Fávero & Koch, 1988:32-33), essas condições de produção são a *exterioridade e o processo histórico-social*. Elas caracterizam o discurso, o constituem e, como tal, são objeto da análise. Para ele, o que existe é uma forma social de apropriação da linguagem, na qual se encontra refletida a ilusão do sujeito, isto é, a sua interpretação feita pela ideologia. A inter-relação entre *discurso, formação social e ideologia* serve, então, de base para a Análise do Discurso.

Pêcheux (op. cit., 32) confirma esta relação histórico-social do discurso:

(...) Dada uma formação social num determinado momento de sua história, ela se caracteriza, através do modo de produção que a domina, por um determinado estado de relação entre as classes que a compõem; (...) a essas relações correspondem posições políticas e ideológicas, que não são obras de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de domínio.

Por tratar-se de um jornal de fácil acesso e combativo às idéias do governo, O Pasquim dirigia-se a um público específico – estudantes, operários, militantes da esquerda. Era um jornal de esquerda, formador de opinião e contestador das normas vigentes e da realidade em que o Brasil se encontrava.

Além da Análise do Discurso buscar essa inter-relação entre texto e contexto, ela também busca explorar as estratégias discursivas, presentes no texto, como forma de desvendar o que está realmente sendo dito. Entre alguns recursos que ela utiliza e que este trabalho contempla estão: as informações implícitas, a negação, a ironia, itens lexicais, a utilização de recursos gráficos (negrito, itálico, aspas). Elementos bastante presentes em *O Pasquim* e que serão analisados em seguida.

3.2.1. As informações implícitas

Em um texto, certas informações são transmitidas explicitamente, enquanto outras o são implicitamente, estão pressupostas ou subentendidas. Um texto pode dizer coisas que parece não estar dizendo, porque não as diz explicitamente. Tem-se, assim, dois tipos de informações implícitas: **os pressupostos e os subentendidos** (cf. Fiorin & Savioli, 1996:306).

3.2.1.1.Pressupostos

São idéias não expressas de maneira explícita que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase. Pressupor é admitir a existência de algo que dirige e delimita o enunciado, mas que não aparece claramente expresso nele (op. cit., p.306).

Na leitura, é importante detectar os *pressupostos*. Eles são um recurso argumentativo que visa levar o leitor a aceitar certas idéias. O *pressuposto* aprisiona o leitor ao pensamento do falante (op.cit, p.307).

Conforme Ducrot (1987:20), o *pressuposto* é o que é apresentado como pertencendo ao domínio comum dos personagens do diálogo, como objeto de cumplicidade fundamental que liga os participantes do ato de comunicação. *A pressuposição é então utilizada para configurar, por trás das informações passadas, uma “verdade” que não pode ser contestada sob a pena de bloquear o diálogo.* Ela obriga o interlocutor considerar o conteúdo do *pressuposto* como verdade estabelecida, que não pode ser posto em discussão (Ducrot *apud* Cervoni, 1989:98).

O *pressuposto* pode ser observado através de algumas marcas lingüísticas, como adjetivos, advérbios, verbos que indicam mudança ou permanência de estado, certas conjunções etc. Entre os enunciados catalogados, encontramos o seguinte extrato retirado do texto de Millôr, ao falar sobre a violência no Brasil e no mundo:

(14) *Não há porque manter essa cara exatamente no instante em que o país toma uma nova meta em sua vida, prepara-se para uma nova onda de progresso, no momento mesmo em que as autoridades estão mais vivamente interessadas no bem-estar comum, nas liberdades públicas, quando só anseiam por paz e prosperidade para todos e todo mundo.* (p.3/nº37/70). Aqui, a palavra **nova**, nas duas colocações, pressupõe: (a) o país já havia tomado outras metas em sua vida anteriormente; (b) que outras ondas de progresso já haviam sido sentidas no país.

Em outro texto sobre a situação política brasileira, o mesmo autor afirma:

(15) *... os jornais continuam cheios de material subversivo como soem ser todas as palavras impressas...* (p.3/nº167/72). Podemos pressupor que: (a) há uma permanência de estado; (b) antes, os jornais também continham material subversivo.

Neste trecho, Paulo Francis escreve sobre a educação brasileira:

(16) *Um grupo razoável de gente preocupou-se em descobrir as causas do nosso atraso como nação, precisamente quando percebíamos na prática a possibilidade de eliminá-lo, consciência que o chamado desenvolvimentismo, apesar de distorções e de certos impulsos suicidas, nos deu.* (p.2/nº41/70). A expressão **apesar de** sugere: (a) o desenvolvimentismo

formou consciência do nosso atraso como nação; (b) que ele apresenta distorções e impulsos suicidas.

3.2.1.2. Subentendidos

Subentendidos são insinuações, contidas numa frase ou num conjunto de frases, não marcadas lingüisticamente. A diferença entre *pressuposto* e *subentendido* é que o primeiro caracteriza-se como uma informação estabelecida como indiscutível, tanto para o falante quanto para o ouvinte, uma vez que decorre de algum elemento lingüístico colocado na frase. O subentendido é de responsabilidade do ouvinte. O falante pode esconder-se através do sentido literal das palavras e negar que tenha dito o que o ouvinte apreendeu de suas palavras. *Ele diz sem dizer, sugere, mas não diz* (cf. Fiorin & Savioli, 1996: 310-311).

Esta afirmação pode ser confirmada nos seguintes exemplos:

(17) *As aves daqui não gorjeiam como as de lá, mas ainda gorjeiam.* (p.6/nº39/70) Gilberto Gil, ao escrever esta carta, do exílio em Londres, para ser publicada em *O Pasquim*, afirma que as aves de lá não gorjeiam como as daqui. Talvez, quisesse falar da saudade do Brasil. Quando ele fala *mas ainda gorjeiam*, poderia estar se referindo à liberdade de expressão vivida pelos artistas ingleses, realidade bem diferente da brasileira.

(18) *A apresentação de cada música deve merecer cuidado especial para que nada indique que seja uma música brasileira. Se possível não deve ter nenhum elemento de qualquer outro país que não sejam os Estados Unidos.* (p.10/nº71/70). Sérgio Cabral, ao elaborar esta matéria depois da realização do Festival da Canção Brasileira, deixa subentendido que as músicas apresentadas no festival, em sua maioria, tinham elementos estrangeiros e não eram cantadas em português.

3.2.2.A Polifonia

A *polifonia*, um dos mecanismos presentes na *heterogeneidade mostrada*⁵, surge como um fato constante no discurso, que oferece ao locutor a possibilidade de tirar conseqüências de uma enunciação e não assumir responsabilidade por ela, atribuindo-a a um outro enunciador.

Segundo Ducrot e Vogt (*apud* Koch, 1987:142-143), *polifonia* é a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciados ou personagens discursivos – ao interlocutor, a terceiros ou à opinião pública. *A condição para que haja*

⁵ A heterogeneidade de um texto pode ser examinada em dois planos: a *heterogeneidade mostrada* e a *heterogeneidade constitutiva*. A primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de enunciações. A segunda, aborda uma heterogeneidade não marcada em superfície, mas que a Análise do Discurso pode definir formulando hipóteses (Maingueneau, 1989:75)

polifonia é, pois, que o locutor L seja diferente do enunciador L': o locutor L faz com que o outro personagem diga algo no interior do seu próprio discurso.

Uma série de fenômenos discursivos pode determinar a *polifonia*, entre os quais a negação, as palavras entre aspas, a ironia, a imitação. Vejamos alguns exemplos:

(19) *Genialidade, ou, no mínimo, sabedoria, foi o que a imprensa brasileira (menos, como de costume, Hélio Fernandes) descobriu em Herman J. Kahn, um dos dois modelos do Dr. Strangelove, de Stanley Kubrick (o outro é Henry Kissinger, assessor especial de Richard Nixon). (p.3/nº22/69).* A palavra *menos* indica uma negação, uma situação de choque entre duas atitudes a saber: (1) toda a imprensa brasileira considerou Herman J. Kahn um gênio; (2) Hélio Fernandes não o considerou um gênio.

(20) *O erotismo para nós é matéria cultural, e não artigo de consumo das “virgens no recesso de seu pudor”, para usar a frase do Ministro da Justiça. (p.3/nº34/70).* Neste exemplo, o autor quis deixar claro que a expressão entre aspas não faz parte das suas idéias, é totalmente estranha ao que ele se propõe a dizer.

(21) *Agrava o problema o fato de que, além de tudo isso, procura-se fazer crer que o Esquadrão da Morte é composto de elementos da própria polícia. Haverá alguma coisa mais absurda? Todos nós sabemos que a polícia é uma organização criada e mantida para assegurar a ordem e preservar a segurança dos cidadãos. Como então afirmar que são policiais os responsáveis por esses crimes hediondos? (p.20/nº45/70).* Como pode ser analisado, o autor faz uma crítica à polícia. Ele quer dizer que os policiais fazem parte do chamado Esquadrão da Morte, responsável por muitos assassinatos. Mas ele faz uma defesa eloqüente aos integrantes da polícia, exaltando suas atribuições: *organização criada e mantida para assegurar a ordem e preservar a segurança dos cidadãos.* Ao fazer esta crítica, sem propriamente dizer, o autor, Ferreira Gullar, serviu-se da *ironia*.

(22) *Pergunto: alguma família poderia, então, dormir em paz? É claro que não, particularmente, eu já tinha perdido as esperanças quando, para surpresa geral, sai o notável decreto que estabelecia censura prévia em livros e outras besteiras. Naquela noite, depois e queimar os clássicos que meu pai, inadvertidamente, colocara em minha biblioteca, fui beijar meu filho. A mudança já se registrara: êle dormia tranqüilo, sorridente, como um anjo protegido da licenciosidade. (p.35/nº36/70).* Sendo um jornalista, Tarso de Castro, talvez não diria, em uma de suas matérias, que livros e outras publicações são *besteiras*, nem talvez consideraria notável o decreto da *censura prévia*.

(23) *O PASQUIM não se responsabiliza pelo número desta edição. (Tarso de Castro)* (p.09/nº40/70). Esta frase constava da primeira página de uma das edições do jornal e faz alusão ao inscrito que todo jornal faz em sua página editorial, não se responsabilizando pela opinião de seus redatores.

(24) *Em terra de cego, quem tem um olho emigra* (p.09/nº40/70). Esta frase também ilustrava a primeira página de uma das edições de *O Pasquim* e lembra o ditado: *Em terra de cego, quem tem um olho é rei*.

3.3. Intertextualidade:

Para Vigner (*apud* Galves et. alii 1988:32), não existe leitura ingênua dos textos, todo olhar sobre um texto é um olhar estruturado, informado, sem o qual, a obra seria imperceptível, não receptível. Não existem textos puros. Eles só existem em relação a outros textos anteriormente produzidos, seja em conformidade ou em oposição a um esquema textual preexistente, mas sempre em relação a eles. *Só é legível o já lido. Fora de um sistema toda obra é impensável*.

Afirma-se assim a importância da *intertextualidade* como fator essencial da legibilidade de um texto. Desta forma, o texto não é mais considerado apenas sob suas características, mas também pelas suas relações com outros textos. Todo texto é um intertexto. Outros textos estão presentes neles, em diversas formas e níveis (op. cit, p.32). O extrato abaixo do texto de Paulo Francis ilustra essa ocorrência.

(25) *Pretencioso e ridículo, certo, mas parte, ainda que minúscula, em termos concretos, da nova vitalidade, do novo senso de direção em torno de nós e que também nos impelia às definições, à procura de resultados. Men at some time are masters of their fates: os homens em certos momentos são senhores de seus destinos, disse o Cassio de Shakespeare, antecipando-nos, num contexto de grande expectativa, não muito diferente daquele que achávamos estar ao alcance da nossa mão e passível de transformação.* (p.2/nº41/70).

O Pasquim foi concebido para combater um discurso. Todos os textos apresentados neste jornal combatiam um discurso já existente. Assim, estes textos só tinham coerência porque se remetiam a outros textos, mantendo com eles um certo diálogo. Pode-se resgatar então que a *intertextualidade* é uma das marcas presentes nos textos de *O Pasquim*, apresentando-se como um dos desdobramentos da *polifonia*.

3.4.Itens Lexicais

A eliminação de palavras estrangeiras, gírias e jargões profissionais também é aconselhada na produção de textos jornalísticos (cf. Manual Folha de São Paulo, 1992:58-98). Observou-se, no entanto, o uso freqüente desses itens. Enquanto as palavras estrangeiras não deixavam claro o que realmente os escritores pretendiam dizer, ou seja, elas deixavam margem a várias interpretações, as gírias eram utilizadas com o intuito de aproximar dos leitores o discurso empregado. Vejamos alguns exemplos do texto de Millôr Fernandes..

(26) *(O que Flávio Cavalcanti faz, por exemplo, dizendo que é reportagem, dever-de-informar e outras bossas desse gênero, não passa de espetáculo. Ele usa toda a **mise-em-scène** típica de espetáculo: a mentira espetaculosa, o **timing**, a técnica dramática, a **fácies**, as duas máscaras – farsa e tragédia – do teatro tradicional, todo o cabedal do **vieux spectacle**.)* (p.6/nº118/71)

(27) *Tôda a imprensa, como sempre mal informada, noticiou que o Sr. Ministro da Justiça, ao se referir às novas determinações legais de censura, chamou-as de Decreto Leila Diniz. **Porquôá?** Onde está o sentido? **Quéde a facécia?** **Que diabo:** as coisas têm um mínimo de lógica e, embora divirjamos (divirjamos, **hein**, Millôr? **Putz!**) do Ministro, não lhe vamos negar aquele mínimo de cartesianismo de um bom discípulo de Pontes de Miranda.* (p.4/nº36/70). Millôr fala sobre as leis da imprensa.

A freqüente utilização de palavras estrangeiras, gírias e jargões de uso profissional, como nos exemplos acima, vai contra os apontamentos de Lage (1990) e dos manuais de redação e estilo jornalístico, no que diz respeito à clareza que a linguagem jornalística deve conter. Porém, tendo em vista o contexto social da época em que O Pasquim circulou, estas estratégias apareciam nos textos como recursos discursivos com o intuito de “driblar” a censura. Era uma maneira de dizer de outra forma, sem declarar explicitamente. Através destes era possível esconder a verdadeira informação, que deveria chegar ao alcance do leitor, enganando os censores.

4. Considerações

O Pasquim é fruto da relação entre a realidade e a produção jornalística na época da ditadura. Através da análise de alguns trechos retirados da amostra, pôde-se constatar que ele foi um jornal opinativo e ideológico. Opinativo porque discutia comportamento, idéias, pensamentos numa linguagem recheada de adjetivos e advérbios que denunciavam o ponto de vista de quem assinava (ou não) as matérias. Ideológico porque contestava a censura, a classe média, o militarismo e a grande imprensa. Recursos como a polifonia, a ironia e itens lexicais eram largamente usados como ferramentas para driblar a censura e disseminar o pensamento

combativo ao sistema vigente.a personalidade. Este cenário demonstra a intrínseca relação entre texto e contexto.

Sua linguagem era inovadora e criativa. Ao organizarem uma antologia dos textos editados em o Pasquim, Sérgio Augusto e Jaguar (2006) ao se referirem aos critérios de edição, afirmam que mantiveram a falta de padronização porque ela era parte do estilo deste jornal. E dizem:

Como o Pasquim aceitava colaborações de jornalistas de variados veículos e sempre teve um conceito libertário, inclusive na linguagem, não existe uma padronização de texto. Palavras em inglês aparecem em negrito ou em itálico. Usa-se aspas ou travessão para iniciar um diálogo, cidades e países aparecem em caixa alta e baixa. Nomes de filmes estão em negrito, entre aspas ou em caixa alta e baixa.

Estas marcas demonstram que quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. O ponto de partida da Análise de Discurso é tomar a linguagem como transformadora. Para atingir seus objetivos é preciso considerar a linguagem como interação, como relação necessária entre o homem e o contexto social e histórico no qual está inserido (cf. Orlandi, 1999:56).

O legado deste jornal acentua um dos traços mais significativos do jornalismo: a possibilidade de intervir nos processos políticos e sócio-culturais, promovendo a mudança da realidade. Neste contexto, a linguagem provocou a transformação.

5. Referências

- AUGUSTO, Sérgio e JAGUAR (org). **O melhor do Pasquim**. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, 2006.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6.ed., São Paulo: Hucitec, 1992.
- CAPELATO, M.R.H. **A Imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto.Edusp, 1988.
- CERVONI, J. **A Enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.
- DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ERBOLATO, M.L. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- GALVES, C., ORLANDI, E., OTONI, P. (org). **O texto: escrita e leitura**. São Paulo: Pontes, 1988.
- KOCH, I.G. V. **Argumentação e Linguagem**. 2.ed. , São Paulo: Cortez, 1987.

- KOCH, I.G.V.; FAVERO, L. **Linguística Textual**. São Paulo: Cortez, 1988.
- LAGE, N. **Linguagem Jornalística**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1990.
- MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. **Termos-Chave em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- MEDINA, C. **Notícia – um produto à venda**. 2. ed., São Paulo: Summus, 1984.
- MELO, J.M. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. 2. ed, Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORAES, D. **O Rebelde do Traço : A Vida de Henfil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1996.
- Novo Manual da Redação**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1992.
- ORLANDI, E.P. **Discurso e Leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **A Linguagem e seu Funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- SAVIOLI, F.P.; FIORIN, J.L. **Lições de Texto: Leitura e Redação**. São Paulo: Ática, 1996.